

País fica na lanterna entre sete emergentes

Avanço no trimestre perde até para latinos. Empresários e sindicatos defendem mercado interno

Aguinaldo Novo

• SÃO PAULO. O avanço do PIB no primeiro trimestre superou a previsão de analistas, mas ficou aquém do desempenho de outras economias emergentes. Numa amostra de sete países que já divulgaram seus resultados, o Brasil ficou em último lugar. Na viagem que fez à China, o presidente Lula viu uma economia que acumulou só no primeiro trimestre deste ano expansão de 9,7% sobre o mesmo período de 2003, bem acima dos 2,7% do Brasil. Ainda na Ásia, a Malásia cresceu 7,6%.

O país é superado também por outras economias latino-americanas: o Chile cresceu 4,5% e o México, 4,6%.

Já a Venezuela anunciou crescimento de 29,8% e a Argentina, de 10%.

— É claro que os números do IBGE são positivos, mas ainda mostram um desempenho mediocre — diz o economista Alessandro Agostini, da consultoria Global Invest, responsável pela compilação dos dados.

Para empresários e sindicalistas, o desempenho no primeiro trimestre ainda não reflete um processo de crescimento prolongado. Isso só vai acontecer a partir da retomada do mercado interno, que só agora começa a dar sinais de recuperação, da recomposição da renda do trabalhador e do anúncio de investimentos.

— É bom? Claro que é. Mas ainda não é um crescimento sólido. Metade

do crescimento no primeiro trimestre veio da exportação, que ainda tem muita garrafa para vender lá fora — disse o diretor-executivo do Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial (Iedi), Júlio de Almeida.

Ele faz coro com o governo e aposta numa variação de ao menos 3,5% do PIB este ano, devido à base de comparação de 2003 ser muito fraca.

— O que se debate agora não é mais a superação da crise, mas a intensidade e a capacidade de sustentação dessa recuperação.

Para o diretor da Fiesp Claudio Vaz, os sinais de aquecimento vêm de setores mais sensíveis ao crédito, como eletroeletrônicos. “A demanda doméstica está arrefecida em razão do

baixo nível de renda das famílias e de elevados juros. Não se pode imaginar crescimento robusto se o consumo das famílias continuar estagnado”, diz nota da Confederação Nacional da Indústria (CNI), que manteve a projeção de alta de 3% do PIB no ano.

Para o presidente da Força Sindical, Paulo Pereira da Silva, o crescimento ainda “tem fôlego curto”. Ele pede a redução da meta de superávit primário (4,25% do PIB) para liberar investimentos em infraestrutura. Já o presidente da CUT, Luiz Marinho, diz que o reaquecimento não garantiu, a curto prazo, a redução do desemprego. Ele defende um “plano emergencial”, com a abertura de frentes de trabalho.